

Catástrofe da Libertação: revoltas e contrarrevolução

Robespierre de Oliveira

Mesmo depois de 50 anos, *O Homem unidimensional* continua a ser um livro válido para entender criticamente a conjuntura atual. Marcuse tenta perceber as possibilidades de libertação dentro de um quadro de contenção. A questão da democracia totalitária, que impõe uma perspectiva unidimensional para uma sociedade cada vez mais multiplural, aparece como preocupação central no livro. Neste sentido, muitos grupos lutam por direitos e reconhecimento. Neste artigo, discutirei essas relações e comentários de Marcuse para além de *O homem unidimensional*.

A recusa do intelectual pode encontrar apoio noutro catalisador, a recusa instintiva entre os jovens em protesto. É a vida deles que está em jogo e, se não a deles, pelo menos a saúde mental e capacidade de funcionamento deles como seres humanos livres de mutilações. O protesto dos jovens continuará porque é uma necessidade biológica. Por natureza, a juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a Morte e contra uma civilização que se esforça por encurtar o atalho para a morte, embora controlando os meios capazes de alongar esse percurso. Mas, na sociedade administrativa, a necessidade biológica não redundava imediatamente em ação; a organização exige contra organização. Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política.¹

Apesar do pano de fundo de *O homem unidimensional* ter desaparecido, a Guerra Fria, o essencial do livro permanece. Marcuse critica a sociedade industrial avançada descrita como uma sociedade unidimensional. A principal característica desta “unidimensionalidade” é a contenção da mudança social para uma vida melhor. Esta contenção permanece em todo mundo, mesmo se ideológica ou militar. A queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética surgiram como “o fim da história” (Fukuyama). Mais do que desaparecer o aspecto unidimensional da sociedade, este parece ser reforçado. O Estado beligerante tornou-se mais e mais poderoso com os conflitos crescentes ao redor do mundo. O Estado beligerante se concentrou no Oriente Médio. Aspectos econômicos prevaleceram sobre os aspectos políticos e éticos. As crises econômicas capitalistas no fim do século XX e começo do XXI aumentaram a exploração de classe. As pessoas começam a se revoltar, mesmo dentro dos países ricos, contra a recessão, desemprego, impostos, falta de perspectiva futura. Lutam por direitos, tais como serviços públicos, incluindo saúde, educação, transporte, igualdade de

¹ MARCUSE. *Eros e civilização*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975; p. 22

tratamento (contra o preconceito de raça, gênero, religião, etc.), direitos por uma vida melhor. Neste sentido, feministas criticam a cultura machista, especialmente a violência contra a mulher, estupro; negros gritam que a vida dos negros importa, contra uma cultura policial de matar primeiro e perguntar depois; grupos LGBT querem ser oficialmente reconhecidos no Estado; muçulmanos também são vítimas na medida em que são tratados como terroristas sem distinções. Estes são alguns exemplos; esta lista poderia ser maior.

A diversidade e a multidimensionalidade são ainda conformadas sob perspectivas unidimensionais de forças que tentam contê-las. Assim, ao mesmo tempo em que há uma luta por liberdade, reconhecimento e direitos, há o crescimento de preconceito, de fascismo. Esta é a dualidade de revoltas e contrarrevolução. Com a luta pela libertação, grupos fundamentalistas tentam impor sua visão para a sociedade de modo totalitário. Utilizam a religião (muçulmana, judaica ou cristã) como um fundamento dogmático; portanto, para eles, a homossexualidade deve ser curada ou banida; as mulheres devem ser tratadas como descrito em seu livro (bíblia ou corão), subservientes aos homens; a ciência só é permitida a confirmar o que o livro diz, o livro prevalece sobre a ciência.

A indústria cultural e a mídia trabalham a maior parte do tempo tentando neutralizar ou subsumir a diversidade sob o que é considerado “normal”. Esta assimilação a visões padrão de seres humanos e sociedade feita pela mídia é mais flexível: provê liberdade e reconhecimento do mesmo modo que a reprime. A mídia pode falar de sexo e expô-lo, especialmente em filmes e shows de TV, desde que esteja vinculado com o “verdadeiro e romântico amor” e termine num casamento. Apesar de seu caráter manipulativo e totalitário, poderia haver um verdadeiro clamor por liberdade na linguagem cifrada da arte sob a indústria cultural. As possibilidades de libertação estão vinculadas com as possibilidades de expressão real, mesmo se permanecem dentro do quadro do capitalismo.

Entretanto, é diferente grupos LGBT, de mulheres ou negros lutando por direitos numa sociedade “democrática” e grupos étnicos como curdos, palestinos, e mesmo aqueles grupos mencionados antes, lutando por seu reconhecimento e direitos em sociedades não democráticas ou em condições de guerra. Apesar de interesses

econômicos ainda estão na mesa, interesses ideológicos, políticos e outros interesses surgem expondo problemas da democracia ao redor do mundo.

Marcuse estava cômico desses problemas. Certo, nos anos 1960 havia a ascensão de movimentos pelos direitos civis, o movimento pela libertação das mulheres, a revolução sexual, e muitos movimentos de libertação no assim chamado Terceiro Mundo e no bloco soviético. Marcuse escreveu “Tolerância Repressiva” (1967), criticando a democracia totalitária, na qual a tolerância equivale os ataques e a violência de fascistas com a não-violência da esquerda sob a etiqueta de imparcialidade.

A tolerância expressa em tal imparcialidade serve para minimizar ou mesmo absolver a intolerância e a supressão prevaletes. Se a objetividade tem algo a ver com a verdade, e se a verdade é mais do que um assunto de lógica e ciência, então este tipo de objetividade é falsa, e este tipo de tolerância inumana. E se é necessário romper com o universo estabelecido de significado (e a prática encerrada neste universo) de modo a habilitar o homem a encontrar o que é verdadeiro e falso, esta imparcialidade enganosa deveria ser abandonada. As pessoas expostas a esta imparcialidade não são *tabulae rasae*, são doutrinadas por estas condições sob as quais vivem e pensam e as quais não transcendem.²

Pretendendo mostrar “ambos” os lados, a mídia realça um lado, moldando as opiniões de sua audiência. Os indivíduos não são autônomos na medida em que cresceram por meio de aparelhos ideológicos do Estado,³ como escola, família, igreja, amigos, namorados, mídia, mercadorias, e assim por diante. “Democracia totalitária” designa uma forma de governo onde o povo está afastado do poder. De fato, o povo só participa para corroborar decisões previamente estabelecidas. Nesta visão totalitária, a democracia deve ser tão boa quanto menos o povo participar dela. A frase “Democracia é o governo do povo, pelo povo e para o povo” (Lincoln) permanece, neste sentido, abstrata e, portanto, ideológica. *O homem unidimensional* foi escrito para mostrar as questões ideológicas da democracia totalitária das sociedades industriais avançadas, citando Marcuse:

Devo dizer a você que meu novo livro com o título provisório Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada, é de algum modo a contrapartida

² MARCUSE, “Repressive Tolerance”, in WOLFF, Robert P.; MOORE JR., Barrington; e MARCUSE. *A Critique of Pure Tolerance*. Boston, Beacon Press, 1967. p. 100. [tradução minha, esta e todas as demais]

³ No sentido de ALTHUSSER, Louis. *On the Reproduction of Capitalism: Ideology and Ideological State Apparatuses*. London, Verso, 2004.

ocidental de Marxismo Soviético — isto é, tratará não apenas da ideologia, mas também com a realidade correspondente.”⁴

Parte deste estudo reside na linguagem orwelliana⁵ e no caráter afirmativo da cultura, transformado em “dessublimação repressiva”. Para Marcuse, o universo do discurso está se fechando. A linguagem é ideologicamente usada para esconder a realidade, frequentemente fingindo e reivindicando ser outra coisa. Como “guerra é paz” e “paz é guerra”, hoje segurança é uma palavra para garantir liberdade, mas liberdade com mais vigilância, força policial, espionagem. Os indivíduos precisam sentir-se livres, sendo mais e mais isolados no abrigo de suas casas. Assim, o significado político das palavras é mudado de acordo com a conveniência daqueles que estão no poder. Marcuse critica como a mídia trata a linguagem (o uso do hífen, a abreviação) que frequentemente distorce o que é.

Deste modo, a democracia totalitária usa a propaganda para glorificar “liberdade”, “democracia”, “tolerância”, “igualdade”, entre outras palavras. Entretanto, o significado dessas palavras não têm conteúdo real na realidade ou quando o governo ou a mídia as usam, realmente pretendem diferentes significados daquilo que é estabelecido na história humana. Como pode uma sociedade proclamar “tolerância” quando há ainda casos violentos de preconceito? Como pode um governo proclamar “igualdade” quando há mulheres e pessoas não-brancas recebendo menos dos que os homens brancos? Frequentemente, tais reivindicações tentam neutralizar qualquer possibilidade de pensamento crítico das massas. Este universo fechado do discurso tenta manter sob a unidimensionalidade aquilo que é mais e mais unidimensional. Depois de 50 anos, as minorias continuam lutando por seus direitos.⁶

⁴ Carta de Marcuse a Raya Dunayevskaya 6/8/1960, in ANDERSON, Kevin and ROCKWELL, Russell (Eds.) *The Dunayevskaya-Marcuse-Fromm Correspondence 1954-1978. Dialogues on Hegel, Marx and Critical Theory*. Lanham, Boulder, Lexington, New York, Toronto, Plymouth (UK): Lexington Books, 2012; p. 59.

⁵ “Assim, o fato de o modo predominante de liberdade ser servidão, e de o modo predominante de igualdade ser desigualdade superposta, é excluído da expressão pela definição fechada desses conceitos de acordo com os poderes que moldam o respectivo universo do discurso. O resultado é a familiar linguagem Orwelliana (“paz é guerra” e “guerra é paz” etc.), a qual não é de modo algum exclusividade do totalitarismo terrorista. Nem é menos Orwelliana se a contradição não estiver explicitada na frase, mas estiver contida num substantivo. Que um partido político que trabalha para a defesa e crescimento do capitalismo seja chamado “Socialista”, e um governo despótico de “democrático”, e uma eleição fraudada de “livre”, são características linguísticas – e políticas – familiares que são muito anteriores a Orwell.” MARCUSE. *One-dimensional Man*. Boston, Beacon Press, 1964; p. 92.

⁶ Como as manifestações de 2014 “Black lives matter.”

Sociedade unidimensional: contrarrevolução permanente para a contenção da mudança social

Marcuse abre seu livro perguntando: “A ameaça de uma catástrofe atômica que poderia exterminar a raça humana também não serviria para proteger as próprias forças que perpetuam este perigo?”⁷ A ameaça de uma guerra nuclear foi usada para justificar o Estado Beligerante que supostamente daria segurança, estabilidade e uma vida fácil. É assim que o povo se submete pacificamente a esse estado de coisas. Marcuse diz: “Submetemo-nos à produção pacífica dos meios de destruição, à perfeição do desperdício, a sermos educados para uma defesa que deforma os defensores e aquilo que defendem.”⁸

Era uma alusão à Geurra Fria, no entanto, a ideia de um inimigo externo para assegurar um eficiente controle do Estado, a ideia de uma segurança da pária, não é nova. Surgiu após a Segunda Guerra. Em seu livro 1984, George Orwell descreve um mundo dividido em três Estados, onde dois fazem aliança contra o terceiro, e então eles mudam as alianças e o inimigo, num rodízio. Curiosamente, o povo no interior do Estado nunca viu realmente a guerra, mas apenas seus efeitos. Marcuse previu, em suas 33 Teses sobre a situação contemporânea (1947),⁹ o que seria a Guerra Fria. Ele escreveu que o mundo do pós-guerra tornar-se-ia separado em dois campos: o Soviético e o outro neofascista, sem que as formas liberais-democráticas absorvidas por um deles.¹⁰

Marcuse estava entre outros que esperavam que om fim da Segunda Guerra trouxesse um mundo melhor, com mais liberdade e mais paz. Logo, ele percebeu que estava errado. Para os países capitalistas, as sociedades industriais avançadas, a ameaça do comunismo justificou a organização da sociedade para impedi-lo. Portanto, o Estado Beligerante surgiu ao mesmo tempo em que o Estado de Bem-Estar. O Tratado do Atlântico Norte foi feito em 1949 para este propósito. Isto expandiu o poder militar dos EUA no mundo. Assim, a ameaça de comunismo foi combatida na Guerra da Coréia (1950-53), na Guerra do Vietnã (1955-75), para mencionar duas guerras conhecidas, e

⁷ MARCUSE. *One-dimensional Man*, p.xxxix.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Estas teses foram publicadas em MARCUSE. *Technology, War and Fascism*. Collected papers of Herbert Marcuse, vol. 1. Douglas KELLNER (Ed.). London and New York, Routledge, 1998, pp. 215-227.

¹⁰ *Ibidem*, p. 217.

muitos golpes militares através do mundo e intervenções militares em vários países. Tudo isto como uma “luta pela liberdade” preventiva” foi claramente inserido num grande processo de contrarrevolução permanente, que começou depois da Revolução Russa de 1917.

Para Stanley Aronowitz,¹¹ a “predição” de Marcuse não teria se cumprido na medida em que considerarmos o aumento de democracia em vários países, incluindo países que foram comunistas. Entretanto, Aronowitz não observa que países que ele menciona, como Argentina, México e Brasil, tornaram-se “democráticos” depois de um longo período de ditadura. Muitos países sofreram golpes de Estado, enquanto Marcuse ainda estava vivo. O processo democrático nesses países, tanto quanto nos países ex-comunistas, aconteceu vários anos após sua morte. Contudo, Aronowitz observa que a concepção de Marcuse de fascismo difere da usual.

Mas considere como o conceito de Marcuse difere das visões aceitas de fascismo. Claro, a sociedade dos EUA não está marcada por um programa de terror sistemático contra minorias de raça, embora, como *temos visto*, o número de incidentes de violações policiais dos direitos dos negros aumentou na proporção em que pobreza e desemprego se aprofundaram nas cidades. Mas em outros aspectos – tais como a intensificação do individualismo, o declínio do movimento de trabalho e outros grupos sociais, e a emergência de um ambiente cultural de antisssexualidade puritana – a sociedade dos EUA tem todos os atributos de um crescente autoritarismo.¹²

Para Marcuse, as democracias atuais não seguem o modelo da democracia liberal, ao contrário, são democracias totalitárias.¹³ As democracias capitalistas se tornaram plebiscitárias (Max Weber), nas quais a escolha do povo segue decisões previamente estabelecidas. Mesmo na democracia mais conhecida, dos EUA, há uma falta de autonomia individual; é manipulada pela mídia, pelo consumismo de mercadorias, pela indústria cultural, e pelo poder econômico dos grandes partidos políticos. O fascismo significa, num sentido amplo, não apenas o movimento histórico que foi derrotado em 1945, mas o que inclui todo tipo de preconceito de raça, religião, sexo, classe, e outros. Neste sentido, o fascismo foi um objeto de estudo dos pesquisadores da Teoria Crítica, como Benjamin, Horkheimer, Adorno, Marcuse, e

¹¹ Stanley ARONOWITZ. “The Unknown Marcuse”, in *Social Text* 58, Vol. 17, No.1, Spring 1999, p. 133-154.

¹² *Ibidem*, p. 152

¹³ A mais efetiva e durável forma de guerra contra a libertação é a implantação de necessidades intelectuais e materiais que perpetuam formas obsoletas da luta pela existência.” MARCUSE. *One-dimensional Man*, p. 6.

outros. Franz Neumann e Friedrich Pollock argumentaram sobre as origens capitalistas do fascismo. Portanto, o fascismo é um modo de reforçar a exploração capitalista. Embora apenas alguns tenham benefícios dessa exploração, uma grande camada da sociedade, incluindo os explorados, apoia e apresentam características fascistas, especialmente em crises econômicas. O fascismo se alimenta da ignorância. A democracia totalitária não pode se abertamente reconhecida como fascista ou totalitária. Mesmo regimes como o Nacional Socialismo na Alemanha, tentaram a fazer coisas “de acordo com a lei”. Assim, a democracia totalitária procura engajar as pessoas através da mídia e da indústria cultural para manutenção do poder. Há a necessidade de constante mobilização do povo. O inimigo externo é útil para este propósito.¹⁴

A Guerra Fria trouxe o medo da expansão comunista. Depois da Segunda Guerra, houve vários movimentos de libertação. Alguns deles se tornaram países comunistas, como Angola e Moçambique. Cuba fez uma revolução em 1953-59; e logo se tornou uma ameaça para o governo dos EUA, quando o governo cubano se declarou comunista. O governo dos EUA esteve atrás da fracassada invasão da Baía dos Porcos em 1961. A tensão entre EUA e Cuba permaneceu durante mais de 50 anos. Para evitar uma “nova Cuba”, os EUA fizeram esforços pela América Latina, que resultou em muitas ditaduras militares, incluindo Brasil, Argentina e Chile. Estas ditaduras causaram a morte de milhares de pessoas, tortura e destruíram o desenvolvimento do povo, da cultura e da vida de toda uma geração. A maioria teve uma influência de massa da cultura americana, filmes e música, que dificultaram o desenvolvimento de suas próprias.

Esta contrarrevolução permanente e preventiva permanece sub-repticiamente, algumas vezes velada outras abertas. Marcuse sabia disso. *O homem unidimensional* (1964) e *Contrarrevolução e revolta* (1974) foram escritos dentro deste quadro de contenção. Em *O homem unidimensional*, Marcuse critica a reivindicação de Daniel Bell do “fim da ideologia”; discute o livro de Fred J. Cook, *The Warfare State*, e o de Vance Packard, *The Hidden Persuaders*. Para Marcuse, a sociedade unidimensional é a “sociedade da total mobilização, que toma lugar nas áreas mais avançadas da civilização industrial combina em união produtiva as características do Estado de Bem-estar e do

¹⁴ O Nacional Socialismo tinha o comunismo, judeus, entre outros como inimigos “externos” e “internos”.

Estado Beligerante.”¹⁵ Total mobilização para a passividade dos indivíduos, pelo consumismo. Os indivíduos consomem um monte de mercadorias, sobrepostas, para suprir suas (falsas) necessidades. Tais necessidades são falsas na medida em que são supérfluas para o básico; são necessidades que atam os indivíduos a próprio sistema de dominação. Os indivíduos realizam sua felicidade através destes confortos, embora não percebam a exploração do seu trabalho para conseguir tais confortos. Muitos desses confortos são dados pela tecnologia. Marcuse criticou a racionalidade tecnológica em “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna” (1947). A racionalidade é quase reduzida à classificação, coordenação, e manipulação; a racionalidade tecnológica é uma racionalidade derivada do sistema de produção, visando eficiência, produtividade e lucro. Assim, esta racionalidade é um instrumento para atingir uma outra finalidade, mesmo se fosse irracional. Neste sentido, Marcuse critica o modo de viver baseado na produção de massa de armas de destruição. Ele escreveu:

Uma não-liberdade confortável, suave, razoável, democrática prevalece na civilização industrial avançada, um símbolo do progresso técnico. De fato, o que poderia ser mais racional do que a supressão de individualidade na mecanização de desempenhos socialmente necessários, mas dolorosos; a concentração de empresas individuais em corporações mais efetivas, mais produtivas; a regulação da competição livre entre sujeitos econômicos equipados desigualmente; a redução de prerrogativas e soberanias nacionais que impedem a organização internacional de recursos. Que esta ordem tecnológica também envolve uma coordenação política pode ser um desenvolvimento lamentável e ainda assim promissor.¹⁶

Marcuse foca a sociedade industrial avançada, porque ele sabia que as sociedades do assim chamado “Terceiro Mundo” tinham um desenvolvimento diferente. A sociedade industrial avançada oferece uma enorme quantidade de bens e mercadorias para os indivíduos, de modo que eles acreditem na eficácia do sistema. A ideologia é configurada no todo; isto é porque a sociedade unidimensional é uma sociedade da total administração. Para clarificar isto, Marcuse discute a linguagem unidimensional, pensamento e comportamento. Ele descreve como estes aspectos principais foram desenvolvidos na estrutura reificada da sociedade unidimensional. Em resumo, a linguagem se tornou operativa, instrumental. Marcuse mostra como ao tomar formas particulares ao invés de universais contribui para reproduzir o sistema. Os universais apontam para condições abstratas que ainda não foram alcançadas; isto significa, ao

¹⁵ MARCUSE. *One-dimensional Man*, p.21.

¹⁶ *Ibidem*, p.3.

mesmo tempo, uma crítica para o presente estado de coisas e uma perspectiva para a mudança. Se os universais são eliminados, então as formas particulares só podem apontar o que é e não o que podem ser. Uma outra questão da linguagem se refere ao significado das palavras que é alterado, a maioria das vezes em seu oposto. É a linguagem orwelliana: “guerra é paz” e “paz é guerra”. A democracia, por exemplo, pode ser uma palavra ardilosa quando muitos partidos políticos diferentes se referem a si mesmos como democráticos e querendo um país democrático, não importa se o partido político defenda libertação ou contenção. Este é o mesmo problema daqueles que querem impor sua moral, que eles mesmos não têm; como, eu diria, aqueles que são contra o aborto pelo amor à vida, e são favoráveis à pena de morte. Marcuse também chama atenção para as questões de hifenação e abreviação. O principal problema é a mudança de significado; como “Pai da bomba H”, quando a figura do pai amoroso é associada com uma arma de destruição em massa.

O pensamento unidimensional é caracterizado pela razão instrumental. A questão principal aqui é a filosofia analítica, que é a filosofia que não toca o mundo real. É uma filosofia que trata da abstração, e permanece na abstração. Ele também critica a filosofia positiva, que é afirmativa do que é. Para Marcuse, a filosofia necessita mudar seu sujeito, no mínimo fornecendo instrumentos para os homens. A filosofia necessita manter seu pensamento negativo, para ser crítica, para manter a verdade. Marcuse escreve:

Na era totalitária, a tarefa terapêutica da filosofia seria uma tarefa política, uma vez que o universo estabelecido da linguagem comum tende a cristalizar-se em um universo manipulado e doutrinado. Nesse caso, a política apareceria na filosofia não como uma disciplina específica ou um objeto de análise, nem como uma filosofia política especial, mas como a intenção de seus conceitos em compreender a realidade mutilada. A análise linguística não contribui para tal compreensão; se, em vez disso, ela contribui para encerrar o pensamento no círculo do universo mutilado do discurso comum, isso é, no melhor dos casos, completamente sem importância. E, no pior dos casos, é uma fuga para o não controverso, o irreal, dentro daquilo que é controverso somente do ponto de vista acadêmico.¹⁷

O comportamento unidimensional é vinculado à educação unidimensional. De acordo com Kellner e outros na introdução a *Marcuse Challenge to Education*,¹⁸ a educação unidimensional é frequentemente dirigida ao trabalho, à especialização, com

¹⁷ *Ibidem*, p.203.

¹⁸ KELLNER, LEWIS, PEIRCE and CHO (Eds). *Marcuse's Challenge to Education*. Lanham, Boulder, New York, Toronto, Plymouth, UK: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

ausência de pensamento crítico, visando a pessoas funcionais ao sistema social. Em contraste, Marcuse se refere à educação humanista (*Bildung*) que desenvolve crítica e reflexão sobre necessidades sociais. Para ele, a educação não é um assunto de escola, mas da sociedade. Neste sentido, a mídia, religião, governo e outros trabalham para construir a adaptação do indivíduo ao princípio de desempenho. Para Marcuse, os indivíduos necessitam adaptar-se ao princípio de realidade da sociedade, que na era atual configura-se como princípio de desempenho, baseada na competitividade. Esta adaptação pode ser feita criticamente ou não. A sociedade unidimensional investe na falta de crítica.

Os indivíduos são envolvidos por estruturas ideológicas da sociedade unidimensional de modo a reproduzir o próprio sistema de opressão. Eles devem acreditar no sistema. Para Marcuse, a maior exploração do capitalismo é a exploração do tempo livre.¹⁹ Os trabalhadores têm seu tempo fora do trabalho explorado por mecanismos tais como as péssimas condições de transporte e trânsito, a indústria cultural (um modo administrado de entretenimento), tempo gasto na compra de mercadorias, e o uso de tecnologias que separam os indivíduos de sua vida pessoal. Assim, os indivíduos estão imersos neste sistema.

Por volta de 1972, Marcuse escreveu “The Historical Fate of Bourgeois Democracy”, analisando as eleições que levaram Nixon ao poder. Ele repete sua afirmação das “33 Teses”. Para ele, o desenvolvimento está mais para o neofascismo do que para o socialismo. Ele mantém que na democracia burguesa há uma moldagem das mentes. Ele diz “mais ainda: as pessoas são manipuladas, com cérebros lavados; a mídia, praticamente sua única fonte de informação, reflete e expressa os interesses do governos e suas políticas – ou antes aqueles do Establishment capitalista, que não exclui alguma crítica dentro de seus limites.”²⁰

Seguindo Freud, Wilhelm Reich, Erich Fromm, e sua própria interpretação da psicanálise, ele percebe que os indivíduos estão se tornando doentes, mentalmente doentes. Para ele, as pessoas estão se tornando masoquistas, o que explicaria o apoio

¹⁹ Marcuse escreve: “se a aliança entre tempo e a ordem estabelecida for dissolvida, a infelicidade particular “natural” não mais manteria a infelicidade societária organizada.” MARCUSE. *Eros and Civilization*. Boston: Beacon Press, 1955; p. 234.

²⁰ MARCUSE, “The Historical Fate of Bourgeois Democracy”, in Herbert MARCUSE. *Towards a Critical Theory of Society*. Douglas KELLNER (Ed). London and New York: Routledge, 2001; p. 169.

delas ao fascismo ou ao Estado Beligerante.²¹ As pessoas convivem todo dia com a violência, pobreza, destruição, doença, matança, ladroagem; e tudo isto aparece como banalidade. Os indivíduos parecem não se importar com o que está acontecendo ao redor de si mesmos, mais ainda ao redor do mundo. Isto poderia levar ao fascismo na medida em que os indivíduos começam a olhar os outros com preconceito.²² Eles se tornam mais conservadores ao olhar para o mundo exterior e os estrangeiros como ameaça. Então, apoiam políticas conservadoras, regras e leis. Na democracia totalitárias, o “povo vota livremente pelos seus dominadores, mesmo se não estiver em questão de manter ou conseguir emprego – eles se identificam com seus dominadores.”²³ Mesmo se eles sabem que seus dominadores não são honestos administradores, podem continuar a confiar neles. Aceitam a corrupção dentro do Estado enquanto recebem seus confortos.²⁴ A democracia totalitária trabalha com o controle de quanta liberdade o povo deve ter, dando-lhes o que é necessário para manter o Establishment. A liberdade é um instrumento para a dominação.

À negação da liberdade, até mesmo da possibilidade de liberdade, corresponde a concessão de liberdades quando elas fortalecem a repressão. A medida em que à população é permitido romper a paz onde quer que ainda haja paz e silêncio, ser feia e enfeiar as coisas, abusar da familiaridade, ofender a boa forma é assustadora. É assustadora porque expressa o esforço lícito e mesmo organizado para rejeitar o Outro em seu próprio direito, para impedir a autonomia até mesmo numa esfera pequena e reservada da existência. Nos países superdesenvolvidos, uma parte cada vez maior da população se torna uma audiência cativa – capturada não por um regime totalitário, mas pelas liberdades dos cidadãos cuja mídia de entretenimento e elevação obriga o Outro a participar de seus sons, visões e cheiros.²⁵

E mais adiante:

Sem dúvida, tal situação seria um pesadelo insuportável. Se por um lado as pessoas podem suportar a criação contínua de armas nucleares, partículas radioativas e gêneros alimentícios questionáveis, por outro, elas não podem (pela mesma razão!) tolerar serem privadas do entretenimento e da educação que as tornam capazes de reproduzir as disposições para sua defesa e/ou destruição. O não funcionamento da televisão e da mídia do mesmo tipo pode assim começar a atingir o que as contradições inerentes do capitalismo não

²¹ “A estrutura mental envolvida aqui é o caráter sadomasoquista. Erich Fromm, seguindo Freud, desenvolveu este conceito em termos sociopatológicos” (*Studien über Autorität und Familie*, ed. Max HORKHEIMER, Paris, Alean, 1936, pp. 77–136. Ver também FROMM. *Escape From Freedom*. New York, Rinehart and Co., 1941. Marcuse, idem, p. 170.

²² Para maior discussão sobre o preconceito, ver Stephen J. BRONNER. *The Bigot – Why Prejudice Still Persists*. New Haven and London: Yale University, 2014.

²³ MARCUSE, “The Historical Fate of Bourgeois Democracy”, p.170.

²⁴ *Ibidem*, p.176.

²⁵ MARCUSE. *One-dimensional Man*, p. 249.

podem – a desintegração do sistema. A criação de necessidades repressivas desde há muito tem se tornado parte do trabalho socialmente necessário – necessário no sentido de que sem ele o modo estabelecido de produção não poderia ser sustentado. Não são os problemas da psicologia nem os da estética que estão em jogo, mas sim a base material da dominação.”²⁶

Com a situação insuportável, as pessoas começam a se revoltar e lutar pela mudança social. Isto requer a redefinição das necessidades, o questionamento da tecnologia, a reflexão crítica da vida, o rompimento da reprodução deste sistema, uma nova sensibilidade. Marcuse cita Whitehead: “(1) viver, (2) viver bem, “(3) viver melhor”,²⁷ para mostrar o fracasso do desenvolvimento da razão e da vida mesma. E é ao mesmo tempo uma crítica do modo estabelecido de vida e um objetivo para se lutar.

Além de O homem unidimensional – A nova sensibilidade

A tecnologia se tornou o meio pelo qual os indivíduos se relacionam, à natureza e a seu próprio meio ambiente, e ela desenvolveu sua própria racionalidade. Nas sociedades industriais avançadas, se tornou um modo de vida. E a tecnologia não é somente os gadgets eletrônicos, senão todos os produtos e subprodutos e processo de produção. A sensibilidade foi afetada, assim como as relações humanas, por este processo. Para ir além de *O homem unidimensional* deve-se recuperar a sensibilidade mutilada dos seres humanos.

Em “Cultural Revolution” (ca. 1970), Marcuse continua a discutir sobre questões a partir de *O homem unidimensional*, “Beyond One-dimensional Man,” *An Essay on Liberation* (1969), e alguns tópicos que aparecerão em *Contrarrevolução e revolta* (1972). Ele desenvolve a ideia da educação estética de Schiller segundo a qual a emancipação dos seres humanos começa com a emancipação dos sentidos. Se a classe trabalhadora vive apenas para reproduzir o sistema:²⁸ trabalhando, comprando, sendo mais e mais integrada, então uma revolução verdadeira necessita romper com este modo de reprodução. Isto deve começar com a sensibilidade. A nova sensibilidade implica relações diferentes com a natureza, ao meio ambiente, com a comida, com os seres

²⁶ *Ibidem*, p. 250.

²⁷ A. N. Whitehead, *The Function of Reason* (Boston: Beacon Press, 1959), p. 5. Apud Marcuse, *idem*, p.232.

²⁸ MARCUSE. “Cultural Revolution”, in Herbert MARCUSE. *Towards a Critical Theory of Society*. Douglas KELLNER (Ed.). London and New York: Routledge, 2001; p. 126.

humanos. Para Marcuse, “Esta liberdade começa com a emancipação dos sentidos humanos.”²⁹

Baseando-se em sua interpretação dos Manuscritos de Paris de 1844 de Marx, Marcuse argumenta que a relação do homem com o mundo objeto foi transformada na relação do homem com o mundo mercadoria. É a experiência do mundo reificado.³⁰ Neste mundo reificado, as mercadorias fazem quem somos, na medida em que são o ambiente que nos envolve. A indústria cultural e a mídia nos distribui experiências e produtos prontos. Porém mesmo a natureza é tratada como mercadoria, como nas férias, turismo, jardinagem, comida; no capitalismo, ecologia é negócio. A experiência humana torna-se mutilada principalmente por causa do modo como o processo total de reprodução da sociedade. O efeito de choque, a diferença de um lugar silencioso para a cidade barulhenta, o vício de imagens, e a correria na cidade que faz alguém não ter tempo para sentir o que está à sua volta, tudo isto são exemplos da experiência e da sensibilidade prejudicadas.

Para se ir além do homem e da sociedade unidimensionais, é necessária a emancipação da sensibilidade, são necessários novos seres humanos. Pois esta emancipação mudará as relações humanas. E para Marcuse, também é necessário libertar a natureza de sua forma reificada.

Na formação do mundo objeto: a sensibilidade emboada aprende a viver com, a gostar de, e a reproduzir (“gosto” como fator na reprodução de mercadorias) as coisas que produzem o universo capitalista, sua cultura material e intelectual. Enquanto seu valor de uso, como seu valor de troca, determina em larga medida sua “forma”, o gosto do consumidor entra na determinação da forma (exemplo: *a catéxis libinal do automóvel* e outros instrumentos de poder e eficiência torna-se um fator em sua produção). Mais ainda, os sentidos aprendem a aceitar (como uma necessidade da vida) e a reproduzir barulho, poluição, feiúra, violência – qualidades que se tornam incorporadas na transformação do ambiente natural e técnico. Espalham-se também pela cultura: este é o aspecto repressivo da destruição das formas estéticas clássicas e românticas (nas artes, música, literatura) que é muito prontamente louvado como vanguardista. Dissonância, violência, brutalidade, e dessublimação não são *per se* libertadoras; nas novas artes e anti-artes também, podem bem servir (como fazem na mídia de massa) para sustentar mais do que enfraquecer a sociedade existente – a menos que

²⁹ *Ibidem*, p. 124.

³⁰ “Em qualquer caso, Marx afirma muito enfaticamente que a relação entre homem e natureza, entre ele e o mundo objeto pressupõe uma sensibilidade qualitativamente diferente: novos modos de ver, ouvir, sentir. Pois a instituição da propriedade privada embotou, brutalizou e perverteu a sensibilidade do homem produziu o mundo objeto da sociedade de classe. É neste contexto que Marx desenvolve a noção de um modo não alienado de produção, de uma construção “estética” do mundo, e da propriedade individual em contraste com a propriedade privada.” *Ibidem*, p.129.

tornem aparente as qualidades opostas mesmas que pertencem ao universo de libertação.³¹

Embora a promessa de revolução nos anos 1960 não foi realizada, por causa da contrarrevolução, ela plantou sementes. A luta pelos direitos civis, a revolução sexual, a nova estética, a cultura da droga, e a luta pela democracia (tanto nos campos capitalista quanto socialista) são exemplos. A revolução sexual, a nova estética e a cultura da droga, tentaram alcançar uma nova sensibilidade. A revolução sexual pôs em questão a família tradicional. “Amor livre”, “faça amor não a guerra”, foram expressões desta revolução. A homossexualidade também foi desvelada. As mulheres reforçaram o movimento feminista, reivindicando velhas questões: aborto, saúde, creches, igualdade de gêneros no trabalho (incluindo salário), contra a violência doméstica e o estupro. Marcuse escreveu sobre o feminismo e disse que os homens deveriam pagar por sua dominação histórica. Para ele, as mulheres não deveriam competir com os homens nos mesmos termos, mas os homens deveriam incorporar algumas características das mulheres, como compaixão, ternura, passividade e carinho. Isto poderia diminuir a agressividade dos homens.³² Para ter certeza, melhor lê-lo:

As mulheres foram completamente empregadas em casa, a família, que devia ser a esfera de realização para o indivíduo burguês. Entretanto, esta esfera foi isolada do processo produtivo e assim contribuiu para a mutilação das mulheres. E ainda assim, este isolamento (separação) do mundo alienado do trabalho do capitalismo habilitou a mulher a permanecer menos brutalizada pelo princípio de desempenho, a permanecer mais próxima de sua sensibilidade: mais humana do que os homens. Que esta imagem (e realidade) da mulher foi determinada por uma sociedade agressiva, machista, não significa que esta determinação precisa ser rejeitada, que a libertação das mulheres precisa superar a “natureza” feminina. Esta equalização de macho e fêmea seria regressiva: seria uma nova forma de aceitação feminina de um princípio masculino. Aqui também o processo histórico é dialético, a sociedade patriarcal criou uma imagem feminina, uma contra força feminina, que pode ainda se tornar um dos coveiros da sociedade patriarcal. Neste sentido também, a mulher carrega a promessa de libertação. É a mulher que, na pintura de Delacroix, segurando a bandeira da revolução, lidera o povo sobre as barricadas. Ela não veste uniforme; seus seios estão à mostra, e seu lindo rosto não mostra traço de violência. Mas ela tem um rifle na mão – pois o fim da violência ainda é algo para se lutar.³³

Entender aquelas “sementes” como um assunto de educação, algumas delas estão brotando. Apesar do sexo ser abertamente divulgado através da mídia e da indústria cultural, não significa libertação sexual, porque há ainda reificação e

³¹ *Ibidem*, p. 130.

³² MARCUSE. “Marxism and Feminism”, in Herbert MARCUSE. *The New Left and The 1960s*. Douglas KELLNER (Ed.) London and New York: Routledge, 2005; p. 165-172.

³³ MARCUSE. *Counterrevolution and Revolt*. Boston: Beacon Press, 1972; p. 77-78.

contrarrevolução. Contrarrevolução aqui significa modos de retroceder na libertação, como negar a homossexualidade, exigir a constituição da tradicional família nuclear, e ainda tratar as mulheres como objetos, ou que elas devam ser submissas aos homens. As mulheres ainda precisam romper a reificação de seus corpos, e lutar contra a violência. Os homossexuais e transgêneros também pedem respeito e reconhecimento, porque ainda são vítimas da violência, violência de preconceituosos e violência do Estado.³⁴

Para Marcuse como para Schiller, a arte é um objeto da educação da sensibilidade. Eles acreditam que a educação da sensibilidade é também uma educação ética. O problema é que a arte é produzida pela indústria cultural e vendida como mercadoria. A arte reificada pode perder seu poder crítico, porém não sua verdade, se for arte verdadeira. Entretanto, os movimentos sociais fazem manifestações que incluem elementos estéticos. Como Walter Benjamin observou, em “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, os movimentos fascistas estetizam a política, ao passo que os comunistas devem politizar a arte.³⁵ Isto deve ser considerado para se entender como movimentos fazem uso de elementos estéticos. Movimentos sociais de esquerda tentam usar suas manifestações como um elemento educacional tanto para os de dentro quanto para os de fora do movimento. Este aprendizado é principalmente pela experiência, especialmente quando há repressão violenta ou vitória. As pessoas aprendem que está do seu lado e quem não está. Emanam empatia; exigem solidariedade a suas manifestações, e recebem respostas. Isto é o que George Katsiaficas denominou de efeito Eros,³⁶ termo que ele utilizou para entender a solidariedade ao redor do mundo nos anos 1960. Ele disse numa entrevista:

Percebi que os protestos sobre o Vietnã e a revolta—a Ofensiva Tet, de fevereiro de 1968—tinha afetado uma conferência em Berlim, Alemanha de ativistas antiguerra—muitos dos quais eram da França, que tinham ajudado a faísca do levante de mao na França. Os eventos de maio—uma situação quase revolucionária em 1968, que por sua vez levou a greves gerais na Itália e Espanha, movimentos no México, e Senegal foram afetados por aquilo, a Universidade de Columbia—e o modo que os protestos irromperam estava mais

³⁴ Alguns Estados no mundo prendem homossexuais e transgêneros, e até os matam, como a Arábia Saudita. Alan Turing (1912-1954) foi julgado na Grã Bretanha por prática homossexual. Ele recebeu castração química como alternativa à prisão, morrendo disso. Somente em 2009, a Grã Bretanha pediu desculpas oficiais.

³⁵ BENJAMIN. “Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction”, in *Benjamin*. Illuminations. Trad. Harry Zohn. Introdução de Hannah Arendt. Preface Leon Wiseltier. New York: Schocken Books, 1968; p. 242.

³⁶ George KATSIAFICAS. *Imagination of the New Left – A Global analysis of 1968*. Cambridge, Mass.: South End Press, 1987.

relacionado a cada um do que as condições de políticas domésticas, condições econômicas, e os modos que os movimentos sociais são normalmente conceituados.

E como tentei lidar com um modo de entender o que estava acontecendo, a noção de Eros de Herbert Marcuse—e Eros político, que ele tinha desenvolvido—cristalizou-se como o “efeito eros”, significando que em certos momentos, repentinamente, interesses universais se tornam generalizados. O povo, ao invés de cuidarem de suas vidas quotidianas procurando serem felizes, para maximizar seu próprio ganho individual, verdadeiramente estão mais preocupados com as questões universais de paz, ou de prosperidade para todos, não apenas para si mesmos.³⁷

Vemos este tipo de solidariedade mundo: homens a mulheres, bancos a negros, e trabalhadores de um país a outro.

O que acontece hoje?

Marcuse escreveu “Além de O homem unidimensional” elaborando sobre a nova sensibilidade como uma perspectiva utópica de mudança social. Para ele, a obsolescência do conceito de unidimensionalidade deveria dar lugar para um mundo mais livre e feliz, um mundo multidimensional. O que está acontecendo hoje ainda é a contenção de movimentos de libertação. Esta contenção pode ser aberta com o uso da força policial ou do exército, pode ser escondida na medida em que “liberdade” e “democracia” são manipuladas. Assim, junto com movimentos que exigem direitos, cresce também movimentos fascistas, conservadores, reacionários.

No fim do século XX, o inimigo externo mudou. O terrorismo se tornou um novo tema de pesquisa e preocupação, especialmente no Oriente Médio. Entretanto, em 2011, a Primavera Árabe pareceu ser uma nova luz para movimentos de libertação, como o Occupy Movement. Muitos outros países, como o Brasil em 2013, viram grandes manifestações, exigindo educação, saúde, e transporte de qualidade. Estes movimentos ao redor do mundo espalharam sua solidariedade, especialmente através das redes sociais na internet. Neste sentido, uma simples manifestação contra a transformação de um parque num shopping center na Turquia teve influência nas manifestações brasileiras contra o preço dos transportes.

³⁷ KATSIAFICAS, George, ZLUTNICK, David. “The Eros Effect and the Arab Uprisings – An interview with George Katsiaficas” In: <http://www.zcommunications.org/the-eros-effect-and-the-arab-uprisings-by-george-katsiaficas>, visto pela última vez em 27/7/2013.

A juventude cresceu por meio de gadgets tecnológicos nos países industriais. A internet tornou-se vício dos jovens. Embora a racionalidade tecnológica seja ainda um problema e preocupação, os indivíduos estão utilizando esses gadgets para filmar a violência policial e divulgar o vídeo na internet. A internet pode oferecer notícias não disponíveis na mídia tradicional; também permite fácil comunicação pelo mundo, e ajuda organização local. Como uma ferramenta da comunicação, a internet exige democracia e liberdade de expressão, mas isto também funciona para os inimigos da democracia e da liberdade de expressão. Neste sentido, há um avanço de grupos neofascistas, que clamam por racismo, sexismo, homofobia, de forma aberta ou velada; são fundamentalistas (cristãos, muçulmanos ou judeus); são contra o modo de vida multicultural e multidimensional.

Os que ostentam ódio surgem na medida em que se sentem ameaçados por esses grupos que pedem direitos, como quando os homossexuais obtêm direito ao casamento. O ódio está se tornando uma ameaça ao pacífico sistema democrático se o Estado continua a ser tolerante com os manifestantes do ódio. Em “Tolerância repressiva”, Marcuse critica a tolerância a “ambos os lados”, que pode permitir aqueles que são contra a democracia, contra a liberdade, contra direitos, contra a paz, em defesa de privilégios de seu pequeno grupo. Eu cito:

Dentro da democracia afluenta, a discussão afluenta prevalece, e dentro do quadro estabelecido, é tolerante em larga medida. Todos os pontos de vistas podem ser ouvidos: o comunista e o fascista, a esquerda e a direita, o branco e o negro, os cruzados pelo armamento e pelo desarmamento. Mais ainda: nos debates que se arrastam sem fim sobre a mídia, a opinião estúpida é tratada com o mesmo respeito que a inteligente, o desinformado pode falar tanto quanto o informado, e a propaganda caminha junto com a educação, a verdade com falsidade. Esta pura tolerância de sentido e sem sentido é justificado pelo argumento democrático que ninguém, nenhum grupo nenhum indivíduo, está em posse da verdade e é capaz de definir o que é certo e errado, bom e mau. Portanto, todas as opiniões em competição precisam ser submetidas ao “povo” para sua deliberação e escolha. Mas já sugeri que o argumento democrático implica uma condição necessária, nomeadamente, que o povo precisa ser capaz de deliberar e escolher sobre a base de conhecimento, que precisa ter acesso à autêntica informação, e que, sobre esta base, sua avaliação precisa ser o resultado de pensamento autônomo.³⁸

Na medida em que o acesso à informação é ainda uma questão difícil, mesmo na “era da informação”, e pode ser manipulado até descobrirem a verdade, o povo ainda está submetido ao poder da mídia. A ignorância é bênção para o fascismo que se

³⁸ MARCUSE. “Repressive Tolerance”, p. 95.

alimenta dela. Os fundamentalistas tentam impor sua visão única para o todo, uma verdade, sua verdade, negando tudo o mais. Para sua visão totalitária do Estado, necessitam mobilizar as massas para suas crenças. Hoje, nas sociedades democráticas estes grupos não podem falar em nome do fascismo, assim eles dizem estar falando em nome de “valores democráticos”. Eles dizem defenderem sua “minoria”, como heterossexuais que necessita de um dia do “orgulho hétero”. Este tipo de insensibilidade criou inimigos internos.

Em nome desta paranoia, eles batem, matam, quem parece a eles seus inimigos. Tentam fazer leis contra eles, leis de segregação. Deste modo, o começo do século XXI lembra a véspera do Nazismo. Muitos destes preconceitos têm um componente de classe, especialmente quando grupos no poder (ou o que pensam estarem no poder) são contra o apoio a classes inferiores. Eles têm nojo de ver que estas classes ascendem, que podem comprar as mesmas marcas, viajar para os mesmos lugares que eles, e tendo saúde e educação. Preconceitos surgem sem motivo, e parecem pior nas velhas classes médias. Estes aumentam na medida em que liberdades, reconhecimento e direitos são dados. Grupos sociais ainda lutam por tais liberdades, reconhecimento e direitos. Eles se revoltam contra as injustiças e gritam por liberdade, democracia e igualdade econômica e política. Marcuse viveu uma situação similar.

Agora esta situação nos coloca frente a frente com a questão da responsabilidade do intelectual. A escolha é ditada pelo intelectual pelas duas faces da simbiose da ciência e da sociedade, imaginação e dominação que encontramos hoje. Esta escolha pode ser formulada na seguinte questão. A razão, a imaginação e a sensibilidade do homem estarão a serviço da servidão cada vez mais eficiente e próspera ou melhor ou servirão para cortar este vínculo, liberando as faculdades do homem e sua imaginação e sensibilidade da escravidão lucrativa? Acredito que os estudantes militantes fizeram esta escolha e pagaram claramente por ela. Hoje as reais possibilidades da liberdade humana são tão reais e os crimes da sociedade que impedem sua realização são tão gritantes que o filósofo, o educador, não pode mais evitar tomar posição, e isto significa aliança, solidariedade com aqueles que não são aguentam mais e não querem mais ter seu futuro, ter sua existência determinada e definida pelos requisitos do status quo.³⁹

A catástrofe da libertação consiste em que a luta pela liberdade confronta-se com a força dos grupos contrarrevolucionários. Mas se aqueles que sentem a necessidade liberdade não desistirem, então a liberdade virá mais cedo ou mais tarde.

³⁹ MARCUSE. “Beyond One-dimensional Man”, in Herbert MARCUSE. *Towards a Critical Theory of Society*. Douglas KELLNER (Ed). London and New York: Routledge, 2001; p.119.

